

“ESCUTAS E TESTEMUNHOS”

Roda de conversa



Boa tarde a todos(as) os(as) participantes desta roda de conversa “Escutas e Testemunhos”, tanto de forma presencial quanto por *streaming*. A temática deste encontro emergiu da percepção, promovida pelo projeto “Gualaxo Vivo”, de uma dupla (e paradoxal) experiência – de perda e de recriação – dramaticamente vivenciada

pelas comunidades sediadas no entorno do Gualaxo do Norte a partir da queda da Barragem de Fundão, em 5 de novembro de 2015. No projeto, a constatação dessa dúplice experiência foi mediada através da identificação de inúmeras sonoridades históricas que reverberaram nessa região desde o período anterior à colonização portuguesa, no século XVII, até os dias atuais.

Mostra-se importante, portanto, explicitar o entendimento do projeto “Gualaxo Vivo” acerca do termo “sonoridades”. Nós o concebemos como a gama de significados atribuídos aos sons (ou seja, às vibrações acústicas que são fisiologicamente captadas pelo ouvido) por diferentes segmentos socioculturais no decorrer do processo histórico. Tais significados, por sua vez, operam de forma indissociável da legitimação, do desvio ou da contestação das configurações de poder estabelecido.¹

Dessa maneira, com base em nosso estudo das sonoridades históricas do entorno do Gualaxo do Norte, nos é possível reconhecer a gravidade das perdas sofridas pelas comunidades e pelo ecossistema aí situados, o que nos conduz a exprimir, de imediato, nossa solidariedade para com todos(as) os(as) atingidos(as) e nosso endosso às suas demandas por ressarcimento. Sabemos, porém, que apesar de tais compensações serem imprescindíveis, várias perdas são irreparáveis (ao menos nas condições em que tais vivências eram promovidas, a despeito dos programas de reassentamento), perdurando apenas nas memórias, a exemplo dos ruídos² cotidianos das águas, dos quintais, dos animais de estimação e de criação; das conversas da vizinhança e do lazer com os amigos; dos festejos e dos sinos das capelas soterradas... Isso sem contar as vozes dos que faleceram em decorrência da ruptura da Barragem, seja por serem submersos pela lama, seja por efeitos físicos e emocionais decorrentes de tanta destruição.

“Todo mundo conhecia todo mundo. [...] Os vizinhos, a gente gritava um e outro do muro. Dona Penha me gritava de lá, eu gritava ela de cá. Quase toda reunião que tinha era na praça. Quando tinha festa, o som e as brincadeiras também eram na praça. Era o point, né? [...] Hoje,

¹ BUARQUE, Virgínia; BUSCACIO, Cesar Maia. Regimes de escuta e espaço histórico de Minas (séculos XVIII-XIX). *Revista Antíteses*. Londrina, v. 14, n. 28, p. 223-257, jul.-dez. 2021.

² Este termo, que portava costumeiramente um sentido pejorativo, associado a um som desagradável ao padrão cultural historicamente vigente, vem sendo ressignificado pelas ciências humanas contemporâneas, que destacam sua incidência provocativa, em termos político-culturais, e de abertura para novas percepções e relações. Os ruídos, inclusive, vêm sendo incorporados em algumas produções musicais, cf. CAMPESATO, Lílian. *Dialética do ruído*. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 20. *Anais...* Florianópolis, 2010.

não tem graça de brincar mais, porque a gente não vê quase ninguém”. (Maria das Graças Quintão, moradora de Bento Rodrigues).³

Foi justamente buscando não apenas inventariar, mas sobretudo realçar a significância⁴ dessas sonoridades, em grande parte sob o risco de desaparecimento, que o projeto “Gualaxo Vivo” procedeu à constituição de 10 cartografias histórico-sensoriais, indicativas da intensa pluralidade sonora do entorno do Gualaxo do Norte, cujas imagens foram reproduzidas nas páginas anteriores. Por sua vez, a elaboração dessas cartografias e, principalmente, a realização de oficinas culturais e pedagógicas em Ouro Preto, Mariana e Barra Longa nos permitiu “entreviver” a potência de recriação – mescla de resiliência, resistência e luta transformadora – das relações socioculturais e ambientais mantidas pelas comunidades afetadas com o seu território, propiciadas pela dimensão performativa do sonoro.⁵ É impressionante como, ao longo dos quase sete anos após a ruptura da Barragem de Fundão, foram retomadas tantas práticas sonoras significativas aos povoados situados ao longo do rio Gualaxo do Norte. Exemplos não faltam: a folia de reis de Paracatu de Baixo, os campeonatos de futebol de Bento Rodrigues, as procissões dos santos padroeiros, as festas juninas, as orações das benzedeadas, variados ofícios do campo... Daí o esforço do projeto em sistematizar tais referências sonoras em outros 7 mapas, cujas figuras foram igualmente replicadas nas páginas anteriores.

*“Ao passar pela porteira, o verde das muitas hortaliças que se agrupam nos canteiros chama a atenção de quem chega. O cheiro é de terra molhada. Ao fundo, o barulho da água que jorra dos irrigadores e o som dos pássaros que passam pelo local. Nesse lugar, trabalham cinco mulheres – Arlinda, Maria Liberta, Leonídia, Maroca e Patrícia – moradoras de Paracatu de Baixo, que aceitaram o convite de seu Valdir para trabalharem na horta que ele mantém na sua propriedade. Para elas – que hoje vivem em residências temporárias na cidade de Mariana – o projeto permite retomar, diariamente, o contato com Paracatu.”*⁶

Para retomada dessas sonoridades potencializadoras do vivido, verificamos ter sido fundamental a constituição de uma rede de apoio e assessoria, mantida por entidades como a Cáritas de Minas Gerais, a Aedas (Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social), a Arquidiocese de Mariana, o ICOMOS, entre outros, além da atuação de órgãos públicos, como o COMPAT e o Ministério Público de Minas Gerais. Cabe também destacar a relevância de

³ MUNIZ, Marcos *et al.* Com apoio de RANGEL, Laura; FÉLIX, Daniela; FILQUEIRAS, Silmara. Minha vida lá. *Jornal A Sirene*, Ed. 20, nov. 2017, p. 4. Cf. também “Antônio, Heleno e Paulo, sinto falta de chegar em casa, ligar o som do carro e gritar vocês” (Reginaldo, morador de Paracatu de Baixo). GONÇALVES, Eva da Paixão *et al.* Com apoio de QUEIRÓZ, Luzia; BONIFÁCIO, Miriã. Não te ver... dá uma saudade. *Jornal A Sirene*, Ed. 18, set. 2017, p. 9.

⁴ Identificamos grande afinidade da operatória do projeto do “Gualaxo Vivo” com a noção de significância descrita por Leonardo Castriota, a partir da Carta de Burra, produzida pelo ICOMOS Austrália em 1999: “conjunto dos ‘valores estético, histórico, científico, social ou espiritual para as gerações passadas, presentes ou futuras’ [...] em um determinado contexto espacial e temporal”, cf. BARCI-CASTRIOTA, L. Patrimônio e direitos humanos: a ação do ICOMOS no caso de Bento Rodrigues. In: YORY, C.M. (Ed.), *Identidad territorial, globalización y patrimonio*. Bogotá: Editorial Universidad Católica de Colombia, 2021. p. 101-102.

⁵ “[...] o vocabulário da negatividade [da falta] nada tem a ver com formas de julgamento resignado da vida [...]. Ao contrário, ele é fruto da consciência do descompassado entre modos de determinação da vida social e as potencialidades da vida, cf. SAFATLE, Vladimir. O amor é mais frio que a morte: negatividade, infinitude e indeterminação na teoria hegeliana do desejo. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 117, p. 95-125, jun. 2008. p. 117.

⁶ HELENA, Larissa; SENHOR VALDIR. Faça chuva, faça sol. *Jornal A Sirene*, Ed. 17, ago. 2017, p. 10.

plataformas digitais como as do jornal *A Sirene*,⁷ no compartilhamento das vozes dos(as) atingidos(as). Em paralelo, a Fundação Renova, entidade juridicamente responsável pela reparação dos danos causados pelo rompimento da Barragem de Fundão, tem atuado em frentes diversificadas para recuperação das áreas afetadas, sendo seus programas divulgados em canais de comunicação por ela mantidos (como jornais,⁸ vídeos, boletins e principalmente seu site).⁹ Julgamos então ser procedente localizar o lugar de fala do projeto “Gualaxo Vivo” nesta tessitura de relações com os(as) atingidos(as): não é nosso intuito, nem temos pesquisa que nos capacite a proceder à análise da atuação da Renova ou de outras instâncias no entorno socioambiental do Gualaxo do Norte; nosso papel, ao propor este Colóquio, foi convidar diferentes pesquisadores, agentes sociais e institucionais para o diálogo, sob o duplo viés do lamentável processo de perda e da incrível pujança performativa das sonoridades históricas na vivificação das relações socioculturais.

Nesse sentido, percebemos que uma atitude simultaneamente epistemológica, sensível e política se tornava fundamento de nossa atuação no projeto “Gualaxo Vivo”: a escuta, entendida como uma postura de acolhimento e aprendizagem de significados, práticas e enlaces socioculturais que até então ou eram desconhecidos ou apenas superficialmente considerados pelos saberes acadêmicos e por outras produções que abordavam tais localidades, como textos e vídeos de divulgação cultural e turística.

A despeito do escutar constituir-se em uma prática importante para certos conhecimentos científicos, como os vinculados às áreas terapêuticas, pedagógicas, da antropologia e da comunicação, no dia a dia de nossos afazeres profissionais, inclusive no espaço universitário, ela nem sempre consegue ser empreendida com a abertura existencial e reflexiva requerida. Pelo contrário, escutar (ato aparentemente facilitado pelo suporte dos gravadores embutidos nos aparelhos celulares) torna-se muitas vezes um recurso técnico para obtenção de “fontes” a serem transcritas de forma apenas ilustrativa ou informativa em textos a serem publicados. Este foi um risco que atentávamos constantemente no projeto “Gualaxo Vivo”, assim como procurávamos não incorrer na manipulação emocional da dor e da perda, através da menção ou do acionamento de certas sonoridades com intuito de comover ou indignar os(as) ouvintes, ou ainda de evocar nostalgicamente (ou idealmente) um conjunto de

⁷ *A Sirene* é um periódico produzido pelos(as) atingidos(as) e para os(as) atingidos(as) da queda da Barragem de Fundão. Resultou de uma série de ações desenvolvidas pelo coletivo denominado #UmMinutoDeSirene, que desde a queda da Barragem de Fundão, contando com o apoio de outras instituições e grupos, como o Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da UFOP e a Arquidiocese de Mariana, cf. CELESTINO, Silva Marcelo; SILVA, Fábio Augusto Rodrigues. Uma análise das reportagens no jornal *A Sirene*: um porta-voz dos atingidos pelo desastre da Samarco. *Cadernos CIMEAC*, Uberaba, v. 7. n. 2, 2017.

⁸ *Jornal Voz da Comunidade*, em Mariana e *Jornal Terra da Gente*, em Barra Longa.

⁹ Contudo, o proceder desta instituição tem sido alvo de vários questionamentos: “Além das dificuldades inerentes ao próprio processo de construção coletiva, as críticas mais contundentes são relacionadas ao processo de indenização e seus problemas associados, e à lentidão na entrega dos reassentamentos [...] O sentimento de desconfiança é ainda mais forte nas comunidades atingidas [...] esse fenômeno pode ter uma origem latente no histórico de relação das empresas mantenedoras com a sociedade local, onde devido interesses corporativos, o benefício das empresas era alcançado em detrimento aos interesses da sociedade local. A Fundação Renova parece carregar consigo a imagem e a bagagem da mineradora Samarco na sua relação com a comunidade, uma imagem construída ao longo do tempo, e anterior ao rompimento, pelo acúmulo de falhas da empresa”, cf. DINAT, Camila. *Revisão sistemática de literatura do modelo de governança da Fundação Renova*: subsídios para uma análise crítica. 2022. 72f. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade e Gestão Ambiental) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2022. p. 16-17.

relações que historicamente teriam sido promovidas no entorno do Gualaxo do Norte.¹⁰ Obviamente, é bastante válido que as expressões sonoras sejam entendidas como registros suscitadores de interpretações e mobilizações, mas os objetivos e critérios pelos quais são veiculadas devem ser claramente mencionados, viabilizando dessa maneira uma escuta crítica, associada às condições estruturais da economia, da política e da sociedade, assim como às dinâmicas de transformação e de hibridismos histórico-culturais.

Mas, pouco a pouco, principalmente através da interlocução com moradores(as) de Mariana e Barra Longa, escutar foi adquirindo, para nós, a densidade que este termo pode conter: um ato de acolhida atenta e amorosa da voz do outro, que nos afeta de diferentes maneiras, provocando revolta, estranhamento, admiração, desejo, medo... Escutar, assim, é o antônimo da indiferença.¹¹ Postulamos ainda que uma escuta atenta, promovida neste sentido, possa alargar o escopo dos ditos saberes das “humanidades”, dotando-os de contornos afirmativos, no sentido indicado pela historiadora Thamara Rodrigues:¹² ao invés de enfatizarmos “experiências que reafirmam catástrofes, traumas, sofrimentos, risco de extinção, silenciamento e exclusão, que se tornaram o foco das teorias mais fundamentais da pós-modernidade”, ainda que sem negar “a retomada conservadora e violenta no âmbito social e político” que vivemos hoje, talvez caiba buscar “escutar” enunciados projetivos de “futuros *apesar dos tempos*. Trata-se de um exercício intelectual, [sensível e ético-político] que procura valorizar abordagens e conceitos que fortaleçam sujeitos e suas comunidades”.¹³

Assim, no atravessar dos dois anos de efetivação do projeto “Gualaxo Vivo”, fomos nos tornando, em alguma medida, seres “escutantes”, pelo que somos muito gratos a todos(as) que nos ajudaram em tal mudança, sobretudo os(as) moradores(as) do entorno do Gualaxo do Norte. E nessa alteração subjetiva e intelectual, que é também estética e política, percebemos então compromissados como testemunhas. Essa palavra, no seu sentido original latino *superstes*, era utilizada para designar a pessoa que atravessou uma provação, um sobrevivente.¹⁴ Não obstante, atuais estudos encabeçados pela crítica literária e pela filosofia política lhe atribuem um segundo e concomitante significado: testemunha é aquele que se

¹⁰ MENEZES, Flávia Pereira Dias. *Narrativas filtradas, a edição no documentário: Imagens e efeitos de sentido em “Vozes de Mariana”*. 2020. 225f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. p. 213. Observe-se que “No contexto do desastre da Samarco, em Mariana, muitos(as) atingidos(as) são procurados(as) por pesquisadores, repórteres, cineastas e até mesmo curiosos para que relatem suas experiências anteriores e posteriores ao crime, por meio de entrevistas audiovisuais e sonoras”. MENEZES, Flávia Pereira Dias. *Direito de imagem: notas jurídicas sobre as impressões da mídia*. *Jornal A Sirene*, Ed. 31, out. 2018, p. 13.

¹¹ No projeto “Gualaxo Vivo”, interpretamos a escuta como uma prática sociocultural, acionadora de sensibilidade que “pode possibilitar o conhecimento do Outro, do diferente, mediado pela técnica [...], num momento em que fluxos globais e locais se acham em confronto e negociação, configurando espaços interculturais. Neste contexto, a voz e a escuta midiática adquirem papel de destaque num mundo em que identidades e sentidos de pertencimento se encontram em reconstrução constante. Uma escuta que põe em jogo novas articulações entre próprio/ estrangeiro, local/global, em que ‘escutar é escutar-se’ (Barthes)”, cf. PEREIRA, Simone Luci. *Sobre a possibilidade de escutar o Outro: voz, world music, interculturalidade. E-Compós*, Brasília, v. 15, n. 2, p. 1-16, maio/ago. 2012. p. 1.

¹² A autora reporta-se ao artigo de DOMANSKA, Ewa. *Affirmative Humanities. History-theory-criticism*, n. 1, p. 9-26, 2018.

¹³ RODRIGUES, Thamara. *Humanidades afirmativas: a negação da política do medo e a construção do futuro a despeito dos tempos. HH Magazine: Humanidades em rede*. 13 dez. 2018. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/humanidades-afirmativas-a-negacao-da-politica-do-medo-e-a-construcao-do-futuro-a-despeito-dos-tempos/>. Acesso em: 22 jan. 2022. Itálico da edição do artigo.

¹⁴ Cf. SELIGMANN-SILVA, M. *Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. p. 78. Sobre o relato testemunhal, ver o belo texto de KOLLERITZ, Fernando. *Testemunho, juízo político e história. Revista Brasileira de História*, v. 24, n. 48. p. 77, dez. 2004.

deixa sensibilizar pela voz do outro a ponto de incorporar, em sua história de vida, os efeitos e os afetos do que lhe foi narrado/do que foi por ele escutado. A partir daí, tais ocorrências também incidem em suas escolhas e mobilizações.¹⁵

Esta roda de conversa enuncia, assim, uma série de provocações aos(as) interlocutores(as) que dela participam, de forma presencial ou em *streaming*. Estamos escutando os(as) atingidos(as) pela queda da Barragem de Fundão? Como o fazemos? E a partir de tal escuta – aí incluídas suas vozes e as sonoridades que elas enunciam – reconhecemo-nos também como testemunhas? E o que implica, em termos efetivos, na vida da população residente no entorno do Gualaxo do Norte, esse autorreconhecimento? Como as sonoridades/as escutas podem mediar ou nos ajudar a exercer nossa condição de testemunhas? São questões que lançamos, a fim de subsidiar a escrita da carta aberta, cuja proposta foi lançada por uma das coordenadoras na abertura deste Colóquio, em nome de toda equipe do projeto “Gualaxo Vivo”.

¹⁵ BUARQUE, Virgínia; CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. A historiografia em viés testemunhal. *Locus* (UFJF), v. 21, p. 9-27, 2015.